

VIOLÊNCIA E MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO AMBIENTE ESCOLAR: DESAFIOS E DILEMAS ATUAIS

*Júlio César Cândido Correia
Antonio Roberto Xavier
Luciana Kellen de Souza Gomes*

Introdução

O presente artigo tem por foco principal debater sobre as diversas formas de violência nos ambientes escolares. Sabe-se que a violência nos ambientes escolares, embora não se constitua em um fato novo, vem se manifestando, atualmente, com outras características tornando-se foco de análise das diferentes áreas acadêmicas, em especial da sociologia, da psicologia e da educação. Em relação às violências na escola faz-se referência à violência praticada no espaço escolar sem estar ligada as atividades da instituição escola, é o caso dos acertos de contas, podendo ocorrer entre os alunos ou ocorrer a partir da entrada de um grupo de jovens do próprio bairro onde a escola está inserida; à violência dirigida à escola que, por sua vez, está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar e se manifesta em forma de depredação do patrimônio ou contra professores que representam a instituição. Metodologicamente este trabalho pauta-se na pesquisa bibliográfica de fontes secundárias e está dividido em tópicos. Para a fundamentação teórica utilizou-se autores tais, como: Perrenoud (1999); Melo (2008); Charlot (2005); Araújo; Silva (2003); Garcia (1999); Lopes Neto (2005); Abramovay (2004), dentre outros. Por fim, conclui-se que o papel da gestão para lidar com questões violentas, tanto no interior das escolas, quanto nos sistemas de ensino é de fundamental importância, necessitando, no entanto, de ajustes conceituais e práticos.

Inserida na sociedade, a escola não está imune a violência, as quais se manifestam nas escolas com diferentes faces. O fenômeno não se restringe às escolas de periferia das grandes cidades, tampouco se podem reduzir as violências apenas à violência física, pois essa apesar de ser a mais comum, é apenas um dos vários tipos de violências que estão presentes nas escolas, tais como a violência psicológica (relações de poder), social (exclusão), cultural (desrespeito às diferenças), racial (racismo) e afetivo/emocional (incivilidade, *bullying*), entre outros, que envolvem inclusive a estrutura física da escola (vandalismo).

Vive-se em uma sociedade de produção humana e distribuição desumana. Nossa sociedade é marcada pela indiferença à diferença. O aumento do índice de violência e a criminalidade no Brasil é a resposta a essa indiferença. Perrenoud (1999) comenta em seu livro *Pedagogia Diferenciada* que a escola é o lugar mais indicado para se combater o mal da indiferença. O desafio se agiganta quando vemos que as escolas brasileiras acabam sendo palcos de motivação da indiferença à diferença. O que pensar de uma escola para os pobres, para os que pouco consomem (Escola Pública) e uma escola para os ricos (Escola Particular ou Privada).

A violência na escola, embora não se constitua em um fato novo, vem se manifestando, atualmente, com outras características tornando-se foco de análise das diferentes áreas acadêmicas, em especial da sociologia, da psicologia e da educação. Em relação às violências na escola faz referência à violência praticada no espaço escolar sem estar ligada as atividades da instituição escola, é o caso dos acertos de contas, podendo ocorrer entre os alunos ou ocorrer a partir da entrada de um grupo de jovens do próprio bairro onde a escola está inserida; à violência dirigida à escola que, por sua vez, está

ligada à natureza e às atividades da instituição escolar e se manifesta em forma de depredação do patrimônio ou contra professores que representam a instituição.

Por último se refere à violência da escola como sendo uma violência institucional e simbólica que afeta os jovens e que se relaciona com a organização escolar, com o sistema de avaliação, com palavras desdenhosas e com atitudes discriminatórias.

Violência Escolar

Melo (2008) explica que a violência escolar envolve situações que são interpretadas segundo os atores do ambiente escolar na qual estão inseridas, dificultando uma delimitação do problema, pois o que é considerado como ato de violência para uns, para outros não passa de mero desvio de conduta solucionável na própria escola. Charlot (2005) ratifica a posição do autor acima e acrescenta que não é fácil abordar o tema da violência por se tratar de uma noção que abarca diferentes significados, motivo pelo qual considera necessário distinguir inicialmente a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola.

Existe, também, certa confusão entre as noções de violência, agressividade e indisciplina e isto fica evidente em textos que abordam tais questões. A agressividade, segundo Charlot (2005) é uma reação que ocorre em função de uma frustração, já a agressão é um ato de brutalidade física ou verbal e a violência remete a uma característica deste ato e enfatiza o uso da força, do poder, da dominação. A agressão, por sua vez, pode ser violenta ou não. Já no que se refere à indisciplina, Garcia (1999, p. 102) indica que esta noção pode ser compreendida a partir de três das suas principais formas de expressão:

De um lado, é possível situá-la no contexto das condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala de aula. Em complemento, deve-se considerar a indisciplina sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar – com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc. Finalmente, é preciso pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola [...] e aquilo que demonstram os estudantes.

Sabe-se, também, que os atos de violência se produzem sobre um fundo de tensão social e escolar forte, muitas vezes um conflito menor provoca um ato violento, por isso é fundamental identificar a fonte dos conflitos e saber agir em relação a estes conflitos, buscando soluções de cunho educativo. Charlot (2005) aponta vários aspectos que podem se tornar fonte de conflitos, não significa que sempre são, é o caso, por exemplo, de uma escola localizada em um bairro com elevado índice de violência, ou situações de desemprego, uso de drogas. Por outro lado, ocorreram mudanças na sociedade que se refletem no espaço escolar e contribuem para o aumento da violência. O desencanto com o saber, a descrença na escola como possibilidade de inserção profissional e a falta de legitimidade das orientações dos professores.

Além do mais, historicamente, não se configuraram ainda práticas democráticas que sirvam como lastro para uma cultura de participação popular, de atendimento das necessidades da maior parte da população, de valorização do público e de superação dos conflitos por vias pacíficas. Esse quadro agravou-se consideravelmente nas grandes áreas urbanas,

em virtude do aumento do acesso a armas, da ampliação do mercado de drogas e do ingresso precoce dos jovens na criminalidade. O consumismo, cujas promessas e rotatividade frustram em particular os mais vulneráveis aos apelos da propaganda, realça as tensões.

A criança está envolvida em contextos variados que por vezes a levam a situações de violência. As formas de violência pela qual elas podem ser afetadas são diversas. Suas características dependem das particularidades dos cenários pelos quais ela transita. São violências físicas, sociais, psicológicas, entre outras.

Muito cedo o campo intrafamiliar abre-se para o extrafamiliar, amplia-se, sobretudo, a partir do momento em que a criança ingressa na escola. Durante muitos anos e várias horas do dia a escola é o segundo, quando não o primeiro, lar da criança. A escola é um ambiente que tem forma, e a criança faz o possível para adequá-la conforme suas necessidades. O território escolar proporciona os encontros necessários à criança para a construção da sua subjetividade.

O mundo escolar geralmente encontra-se absorvido pelas demandas inerentes ao processo educacional, o qual não percebe aspectos rotineiros que se materializam no contexto escolar, aspectos estes que violentam a criança de forma sutil e cruel ao mesmo tempo. As violências ocorridas fazem com que a criança atribua a sua autoimagem uma condição de inferioridade, pois se vê submetida à condição de objeto.

Na atualidade, um dos temas que vêm despertando cada vez mais o interesse de profissionais das áreas de educação e saúde, em todo o mundo, é sem dúvida, o do *bullying* escolar. Termo encontrado na literatura psicológica anglo-saxônica, que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, em estudos sobre o problema da violência escolar.



No estado do Ceará, Araújo e Silva (2003) verificaram que os principais indutores da violência escolar são: violência doméstica, educação de má qualidade, descaso da direção da escola, desemprego, fome e miséria. Melo (2008, p. 30), por sua vez ratificou a pesquisa dos autores citados anteriormente ao concluir que “as principais causas da violência escolar são a família com 81,67%, os fatores sócio-econômicos (76,67%), a influência do meio (63,33%), a indisciplina (53,33%) e a ineficiência do professor com 8,33% do resultado”.

Dentre os diversos tipos de violência no ambiente escolar citam-se: uso de armas de fogo, pichação, depredação, furto, uso de substâncias entorpecentes, incivildades e o *bullying*, objeto deste estudo.

O Bullying na Escola

As manifestações violentas assumiram formas variadas, sutis e, muitas vezes, perversamente camufladas por trás de um cenário tranquilo na dinâmica das relações sociais. O que parece violento em certas culturas torna-se uma expressão natural em outras formas de organização social.

É neste contexto que o cotidiano escolar tem sido palco de manifestações agressivas, variando desde depredações até agressões verbais e físicas. A violência é um problema que se instalou no interior das escolas e já não temos como ignorá-la.

Atualmente, várias são as indagações que surgem quando se ouve falar do fenômeno *bullying* na escola, muitas vezes identificado pelos profissionais da educação como algo que faz parte do momento da criança como meras brincadeiras infantis, outras vezes o termo nem é identificado entre a comunidade escolar.

É um fenômeno marcante e sua gravidade passou a ser pesquisada a partir dos anos 1990, quando repetidas ações de tirania, opressão, dominação e agressão passaram a ser observadas com frequência no meio escolar. *Bullying* é uma palavra inglesa que traduzida literalmente quer dizer oprimir, amedrontar, maltratar, ameaçar, intimidar.

A denominação dessa prática como *bullying*, talvez até por ser um termo estrangeiro, ainda causa certa polêmica entre estudiosos do assunto. Para a socióloga e vice-coordenadora do Observatório de Violências nas Escolas – Brasil, Miriam Abramovay, a prática do *bullying* não é o que existe no país. O que temos aqui é a violência escolar. Se nós substituirmos a questão da violência na escola apenas pela palavra *bullying*, que trata apenas de intimidação, estaremos importando um termo e esvaziando uma discussão de dois anos sobre a violência nas escolas, opina a coordenadora (ABRAMOVAY; RUA, 2004).

O *bullying* pode trazer consequências danosas ao meio educacional e às pessoas que sofrem com este tipo de violência. Geralmente, as vítimas apresentam problemas como baixa autoestima, sendo movidas pela opressão e pelo medo. Não procuram ajuda porque se sentem incapazes, impotentes diante do poder do agressor e são tomadas pela depressão e pelo isolamento. Algumas vezes se afastam do convívio social dentro da escola, fato que, entre outras consequências, costuma acarretar queda no rendimento escolar. Há, inclusive, registros de casos de suicídio, narrados e comentados criteriosamente por Fante (2005), ocorridos em virtude de situações de *bullying*.

Para atender à exigência de uma escola comprometida com a paz, com um ambiente adequado para a integração dos alunos, importa que a formação docente seja ela própria agen-

te de crítica da visão de que a violência faz parte da rotina de uma escola. Esta visão leva a ver insultos, apelidos pejorativos, brincadeiras que humilham como puro ato de diversão entre os alunos, esquecendo-se de que é violência buscar diversão no sofrimento do outro.

Segundo Cubas (2006), os casos graves de violência ocorridos dentro das escolas são mínimos em relação ao número de alunos, mas a supervalorização destes casos desvia a atenção dos casos sutis de violência, que são mais constantes e acarretam tanto danos como os casos mais graves. Atores graves de violência escolar são punidos, mas a violência mascarada passa despercebida, não é notada, portanto, não é punida, nem corrigida.

Camacho (2001) declara que uma mudança nesse quadro exige a tomada de uma série de decisões. E sugere que no plano macro, deve-se optar por uma política educacional democrática e no plano micro, deve-se analisar a atuação da escola, analisar o seu currículo e reorientar suas ações em direção à superação dessa crise de socialização.

É importante que educadores, gestores, pais e alunos tomem consciência de que é direito de crianças e adolescentes estudar num ambiente saudável e isto inclui que todos sejam aceitos e respeitados em suas diferenças e, conscientes, trabalhem para que estes direitos sejam garantidos.

O *bullying* não deve ser considerado como uma característica normal de jovens e adolescentes, pois quando a escola age desta forma está sendo conivente com um tipo de violência que se perpetua sem alardes, agindo “disfarçadamente” sobre vítimas que na maioria das vezes não conseguem se defender. É papel da gestão educacional indignar-se e agir em prol de um convívio harmônico no meio educativo.

Nesse sentido, seria importante deslocar a ênfase das preocupações simplesmente pedagógicas para os (pré) conceitos que fomentam as práticas do cotidiano. Esse deslocamento significaria a inclusão – no currículo real e não apenas no prescrito – da reflexão, da discussão e do entendimento, por parte de todos os atores da instituição escolar, de conceitos como identidade (cultural e social) e de questões como alteridade, diferença, multiculturalismo, gênero, etnia, sexualidade, intolerância, preconceito e discriminação, dentre tantos outros (CAMACHO, 2001, p.27).

Segundo Fante (2005, p. 29) o *bullying* pode ser responsável por vários resultados negativos no processo de aprendizagem e no relacionamento interpessoal entre alunos e no próprio desenvolvimento psíquico, devido as suas características, dentre elas: “maltratar, causar sofrimento, desestruturar o emocional e acabar com a motivação da criança em relação à vida escolar”.

Fante (2005, p.121) aponta que muitas crianças estão sofrendo o *bullying*, por meio de ataques ao seu gênero sexual, com brincadeiras maliciosas que as rotulam com características masculinas ou afeminadas. Tais como: “gay”, “lésbica”, “sapatão” e “frutinha”, apelidos que têm a finalidade de agredir e destruir a moral do aluno frente ao grupo escolar.

Para Fante (2005) é interessante analisar como esse fenômeno age sobre os alunos, a ponto de levá-los a manifestar o desejo de desistir da escola, devido ao sofrimento que a criança transporta ano após ano de sua vida escolar, pois a discriminação a acompanha ao longo dos anos. Podemos verificar que a manifestação do *bullying* está muito presente no cotidiano escolar em atitudes corriqueiras entre os alunos, que se referem às atitudes de “xingamento”, “gozação”, “humilhação”, “zombaria”, “isolamento”, situações que acompanham a

criança por um grande período de tempo e que, muitas vezes, não são capazes de resolver tal situação sozinha.

Lopes Neto (2005, p.166), classifica o fenômeno *bullying* em três estilos:

O bullying direto, que engloba a imposição de apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais;

Bullying indireto, que envolve atitudes de indiferença, isolamento e difamação e;

Cyberbullying, que ocorre através da intimidação eletrônica por celulares ou internet, em que os alunos utilizam de mensagens e e-mails difamatórios, ameaçadores, assediadores e discriminatórios que provocam agressões entre os mesmos. Convém ressaltar que os envolvidos com o bullying estão propensos a diversas implicações que interferem de forma negativa nas atividades sociais, por serem submetidos a tais formas de violência (grifos do autor).

Diante da apresentação de algumas características de agressão que envolve o fenômeno, faz-se necessário analisar que o *bullying* não é uma mera violência, já que a agressividade ocorrida em suas manifestações não se limita simplesmente a um fato isolado. Pelo contrário, é uma agressão contínua que torna o aluno prisioneiro do agressor, o que pode resultar no afastamento do aluno do ambiente escolar.

Em busca de uma melhor compreensão e identificação dos envolvidos com tal fenômeno, pesquisas discutidas no livro de Fante (2005) em que podemos classificá-los em: vítima típica, vítima provocadora, vítima agressiva, testemunhas e agressor.

Segundo Fante (2005) vítima típica refere-se ao indivíduo que sofre repetidas vezes a agressão e não resolve a situação por não conseguir se impor. Na maioria das vezes essa ví-



tima é tímida, insegura, submissa e possui baixa autoestima, que a impede de reagir contra a violência sofrida. Esse caso retrata as características dos envolvidos como uma vítima típica, sendo que a maioria dos alunos que sofrem *bullying* na escola possui o comportamento de timidez, retração e dificuldades de socialização.

A vítima provocadora é caracterizada, segundo Fante (2005), pela personalidade agressiva, pois tenta revidar a agressão, mas geralmente isso acontece de forma ineficaz e são alunos que sofrem maus-tratos, apelidos, gozações e buscam resolver o problema sozinho. Nesse caso, a autora explica que os alunos tentam revidar para conseguir libertar-se desta violência e acabam sofrendo repressões, agressões a ponto de desistir do próprio direito à liberdade.

Existe também, conforme Fante (2005), o caso da vítima agressora, que é o sujeito que sofre a violência e transfere a indignação em forma de agressão a crianças mais frágeis. Muitos alunos que são vítimas acabam se tornando agressores para repreender o sentimento de humilhação e indignação, transferindo para os colegas a mesma violência.

Neste caso, percebemos que o desejo de suicídio vem como forma de terminar com o problema. Assim, a vítima carrega consigo o desejo de promover o sofrimento a outras pessoas, já que não consegue resolver a própria situação. Tal situação apresenta indícios de uma vítima agressora, a qual tenta transportar o seu sentimento de humilhação e sofrimento através de uma outra forma de violência a outros alunos.

Pereira (2002, p. 26) menciona que “as crianças vítimas de *bullying* possuem dificuldades para uma autodefesa e que, normalmente, são ansiosas, amedrontadas e com falta de confiança ou, ainda, na maioria das vezes, são crianças isoladas por não possuírem habilidades de socialização”. Conforme se

observou nos casos já apresentados, estas são, geralmente, as características das pessoas que sofrem o *bullying*.

Lopes Neto (2005, p. 169) afirma que, as crianças que sofrem o *bullying* estão mais propensas a sofrer danos à saúde, tais como: “depressão, ansiedade, irritabilidade, agressividade, pânico, desmaios, insônia, estresse entre outros sintomas”. Entendemos que tal situação traz sérias implicações à saúde da criança e interferem tanto no desenvolvimento cognitivo, como também no desenvolvimento das relações sociais.

Com relação aos danos à saúde já apresentados, Fante (2005) também expõe uma preocupação, que é a superação desta repreensão, pois, além de causar danos à saúde de caráter psicossomático, também pode desencadear outras reações como a hiperatividade, impulsividade e agressividade quando a vítima é submetida a intenso sofrimento, responsável pela evolução de traumas psíquicos, que afetam o indivíduo durante toda a sua vida.

Para conhecer o agressor, será utilizada a visão de Fante (2005) que caracteriza o autor do *bullying* pelo mau-caráter, impulsividade e por ser um indivíduo antissocial. Pontua ainda que, muitas vezes sua agressividade é movida por uma base familiar deficitária, com comportamentos agressivos entre os próprios familiares, um relacionamento que estimula a criança a utilizar-se da violência para impor seu poder a fim de conseguir o que deseja. Compreendemos que, na maioria das vezes, o agressor promove a violência acreditando que está agindo de forma correta, devido à concepção de valores que possui em sua vida, frente ao mundo que o cerca.

Existem diversos fatores que influenciam a criança a tornar-se o agressor das manifestações do *bullying*, como afirma Lopes Neto (2005). Menciona ainda que os fatores

podem ser de origem familiar, por desestruturação familiar, falta de relacionamento afetivo, maus-tratos físicos e excesso de tolerância ou por características próprias do indivíduo, como impulsividade, dificuldades de atenção e hiperatividade. Dessa forma, o agressor é normalmente popular entre os alunos, com comportamentos antissociais, agressivo, impulsivo, que tem prazer em dominar e causar danos sobre os outros alunos.

Fante (2005) afirma ainda que, o fenômeno *bullying* já está na escola há muito tempo, porém de forma oculta e sutil, que passa despercebido ao professor, pois a maioria das agressões acontece longe dos adultos, tornando-se desconhecido aos olhos dos profissionais da escola. E destaca alguns fatores internos à escola que podem ser responsáveis pelos comportamentos agressivos, tais como: o clima escolar, as relações interpessoais e a relação professor aluno. Dessa forma o clima escolar é caracterizado pela socialização e busca pela equidade entre os alunos.

A Educação como Ferramenta da Resolução de Conflitos

A educação, na concepção de Vinyamata (2005), tem um importante papel a desempenhar no que se refere à resolução de conflitos. Argumenta que é por meio da mesma que a sociedade poderá construir ferramentas para compreender os conflitos como parte do desenvolvimento humano, bem como, aprender a solucioná-los de forma não violenta. Mesmo que,

[...] encarado como negativo e destruidor, o conflito é necessário à vida, inerente e constitutivo, tanto da vida psíquica como da dinâmica social. Sua ausência indica apatia, total submissão e, no limite remete à morte. Sua não explicitação pode levar à violência. Mesmo que se possa confundir com ela, conflito não é sinônimo de



violência. Violentos podem ser os meios de resolução ou os atos que tentam expressar um conflito que não pode ser formulado, explicitado (GALVÃO, 2004, p.15).

Entretanto, muitas instituições escolares procuram evitar, a qualquer custo, os conflitos, pois são vistos como negativos e prejudiciais, e optam por “abafar” esse tipo de manifestação própria da vida humana. Os profissionais que trabalham nessas escolas alegam não ter formação para resolver as brigas, as discussões entre as crianças, entre professores e alunos e, até mesmo, entre seus pares.

Para Erikson (1971), há uma adaptação mútua entre o sujeito e o ambiente. Nesse processo, os conflitos são essenciais e compreendidos como crises ao longo de todas as etapas do desenvolvimento humano. E apresenta uma concepção do desenvolvimento psicossocial em oito estágios, sendo que cada um deles é marcado por uma crise entre uma vertente positiva e uma negativa. As duas vertentes são vitais, mas, para o desenvolvimento, é importante que a positiva predomine. Assim, ao superar essas crises, o indivíduo torna-se capaz de resolver os conflitos próprios à vida.

Wallon (1981) também destaca em seus estudos a existência de crises e de conflitos que se encontram no processo de desenvolvimento do ser humano. E enfatiza, o conflito eu-outro tem um significado positivo, pois está diretamente ligado à construção da personalidade da criança. Seus estudos destacam a fase do terceiro ano, na qual a criança está envolvida numa verdadeira crise representada pela frequência dos conflitos interpessoais nas suas condutas e nas suas relações com o meio. O conflito na opinião de Wallon (1981) é um fator que beneficia o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e motores dos indivíduos em suas interações com o meio social.

A sucessão entre as várias fases em que se possa decompor a infância é descontínua, sujeita a rupturas e mudanças bruscas. A passagem de um a outro estágio não é uma simples ampliação, mas uma reformulação. Atividades preponderantes numa idade são reduzidas ou mesmo aparentemente suprimidas na idade seguinte, como se o sujeito tivesse que escolher entre um antigo e um novo tipo de comportamento. O conflito é, além da expressão do desenvolvimento, o seu motor, o que gera a sua dinâmica (GALVÃO, 2004, p. 21).

Sob a ótica walloniana, o professor que consegue interpretar as causas dos conflitos e estimular a sua resolução por meio da reflexão, apoiado em informações teóricas sobre as características do comportamento emocional, está desenvolvendo um trabalho que permitirá avaliar e melhor compreender essas situações de conflitos que precisam ser ultrapassados.

Assim, trava-se uma luta para superar o complexo de inferioridade. Essa luta depreende uma soma de habilidades e competências, além de um empenho pessoal capaz de transpor esses limites e conquistar a superioridade (ADLER, 1967).

Considerações Finais

As consequências e os custos da violência têm sido altos para a sociedade e para a qualidade de vida da população. No caso do ambiente escolar, foco deste estudo, este problema tem afetado diretamente a qualidade da educação oferecida pelas escolas e também tem privado profissionais e alunos de um convívio salutar e agradável, condições propícias ao crescimento pessoal de todos.

Outros caminhos podem ser sugeridos para se abrir a porta para uma gestão democrático/participativa, são eles:

passar da fragmentação para uma visão integradora e mais abrangente da relação escola/indivíduo/sociedade; da ação episódica para um processo contínuo, ou seja, ter atitude proativa; da hierarquização para a coordenação e da limitação da responsabilidade para sua expansão.

Diante das características da gestão democrática e participativa aqui exposta, acredita-se que essa forma de ação se configura como uma estratégia eficaz de prevenção e combate à violência na escola. Contudo, a instituição, por si só, por mais que esteja aparelhada e sua equipe movida pela melhor das intenções, não será capaz de fazer frente a um problema que tem suas raízes extramuros, seja na forma da violência física, seja na da simbólica, alimentada por hábitos e preconceitos disseminados no meio mais amplo que a circunda.

Assim, conclui-se que o papel da gestão para lidar com questões violentas, tanto no interior das escolas, quanto nos sistemas de ensino é de fundamental importância, necessitando, no entanto, de ajustes conceituais e práticos, tendo em vista a gama de peculiaridades e necessidades que a tarefa educativa nos coloca à frente, na atualidade.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2004.

ADLER, A. *A ciência da natureza humana*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

ARAÚJO, Henrique Coelho; SILVA, Erik Oliveira Onofre e. *A importância do policiamento escolar: uma ferramenta de prevenção*. APMGEF, Fortaleza, 2003. 234 p. (Monografia) – Curso Superior de Polícia Militar – CSP – Academia de Polícia Militar Gen. Edgard Facó – Polícia Militar do Ceará.

- BRASIL. *Constituição da República*. Brasília: Senado Federal, 1988.
- _____. Lei de diretrizes e bases da educação nacional – LDB. Lei nº 9.394. Brasília: MEC, 1996.
- CAMACHO, lmy A violência nas práticas escolares de adolescentes. *Reunião Anual da anped*, 24. Caxambu: Minas Gerais, 2001.
- CARNEIRO, M. A. *LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CHRISPINO, Álvaro; CHRISPINO Raquel. *Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar*. São Paulo: Biruta, 2002.
- CUBAS, V. Violência nas escolas: como defini-la. In: RUOTTI, Caren. *Violência na escola: um guia para pais e professores*. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- ERIKSON, E. H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus, 2005.
- GALVÃO, I. *Cenas do cotidiano escolar: conflito sim, violência não*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GARCIA, Joe. *Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LOPES NETO, A. A. Bullying-comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal Pediatria*. Rio de Janeiro, 2005.
- MELO, Marcos Aurélio Macedo de. *A violência nas escolas públicas de Fortaleza: reflexões sobre o papel da Polícia Militar do Ceará*. Monografia. 91 p. FAMETRO, 2008. (Especialização) – Faculdade Metropolitana de Fortaleza.



PEREIRA, Beatriz Oliveira. *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Dinalivro, 2002.

PERRENOUD, Philippe. *Pedagogia diferenciada. Das intenções à ação*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VINYAMATA, E. *Aprender a partir do conflito: conflitolgia e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

WALLON, H. *A evolução da psicologia da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.